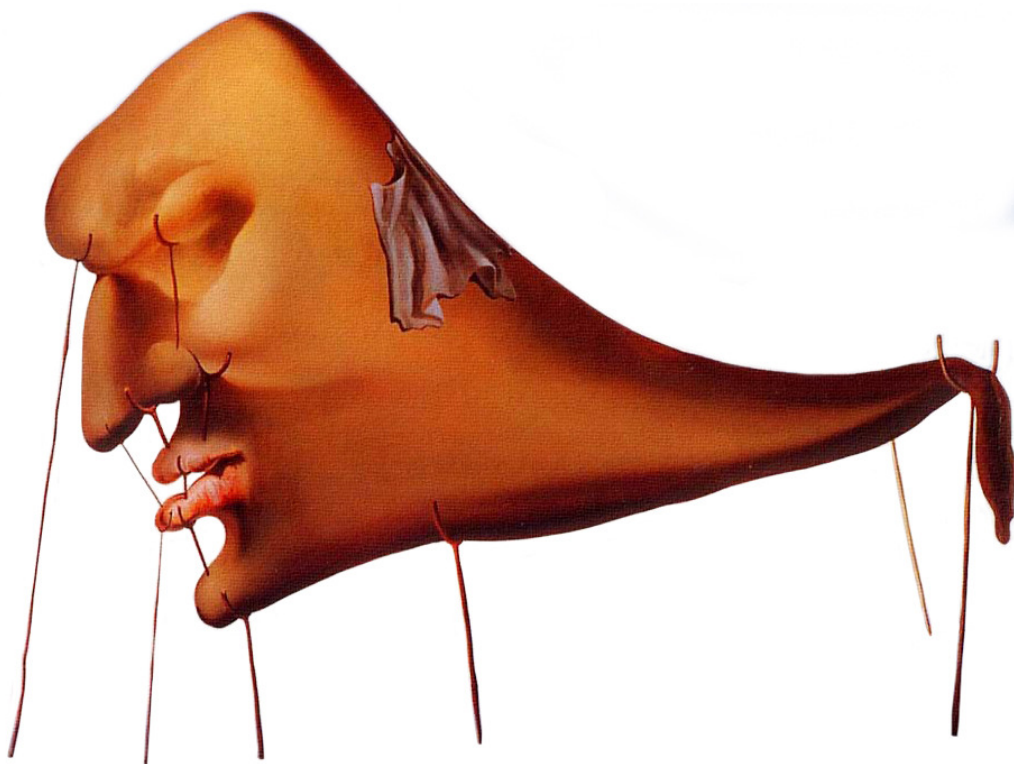


Proletário do espírito e doutor de sonhos:

Gastão Pereira da Silva (1898-1987) e a
“Psychanalyse dos Sonhos” (1935-1937)



O sono, de Salvador Dalí, 1937, óleo sobre tela, fotografia, montagem (detalhe).

Wilton C. L. Silva

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-Assis). Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Unesp-Assis). Autor, entre outros livros, de *A construção biográfica de Clóvis Beviláqua: memórias de admiração e de estigmas*. São Paulo: Alameda/Fapesp, 2016.
wilton.silva@unesp.br

Proletário do espírito e doutor de sonhos: Gastão Pereira da Silva (1898-1987) e a “Psychanalyse dos Sonhos” (1935-1937)

Proletarian of the spirit and doctor of dreams: Gastão Pereira da Silva (1898-1987) and the “Psychanalysis of Dreams” (1935-1937)

Wilton C. L. Silva

RESUMO

O médico Gastão Pereira da Silva (1897-1987) é invisibilizado na historiografia da psicologia no Brasil. Escreveu dezenas de livros sobre o tema, atuou como jornalista e se tornou o primeiro e o maior divulgador da psicanálise no país. Publicou na revista *Carioca* (RJ) a coluna “Psychanalyse dos Sonhos” (1935-1937), respondendo cartas sobre os sonhos de leitores, interpretando-os a partir das ideias de Freud, que derivou na obra *Conhece-te pelos sonhos* (1937). As respostas aos leitores e algumas resenhas sobre o livro acolhidas na coluna mostram como tal psicanalista divulgava o pensamento freudiano e pensava em sua prática e seus vínculos.

PALAVRAS-CHAVE: Gastão Pereira da Silva; história da psicanálise; memória.

ABSTRACT

The doctor Gastão Pereira da Silva (1897-1987) is invisible in the historiography of psychology in Brazil. He wrote dozens of books on the subject, worked as a journalist and became the first and biggest promoter of psychoanalysis in the country. He published in the magazine *Carioca* (RJ) the column “Psychanalyse of Dreams” (1935-1937), answering letters about dreams from readers, interpreting them based on Freud’s ideas, which resulted in the book *Know yourself by dreams* (1937). The responses to readers and some reviews of the book published in the column show how this psychoanalyst disseminated Freudian thought and thought about his practice and its links.

KEYWORDS: Gastão Pereira da Silva; history of psychoanalysis; memory.



Em 1816 um cientista britânico, David Brewster, que estudava a polarização por reflexão da luz inventou algo que encantou seguidas gerações: uma estrutura formada por algumas superfícies refletoras que são fixadas pelas laterais, com um recipiente transparente ou translúcido que em uma extremidade, contendo pequenos objetos coloridos que podem se mover – pequenos pedaços de metais, vidro ou plásticos de forma variada, por exemplo – e na outra apresenta um orifício de observação, de modo que quando se olha pelo pequeno buraco e gira-se a estrutura criam-se no interior do invento múltiplas reflexões que se apresentam como padrões simétricos e de beleza singular.

O invento foi batizado de caleidoscópio, nome que se origina das palavras gregas *kalos*, belo ou bonito, *eidos*, imagem, e *scopeo*, que significa olhar, que poderia ser entendida como um objeto para se olhar belas imagens. O

objeto teve aplicação científica para o desenvolvimento de alguns estudos de óptica, ainda é eventualmente utilizado por artistas e se tornou um brinquedo burguês que se popularizou ao longo do tempo¹, produzindo imagens belas e intrigantes ao mesmo tempo em que circulou entre a ciência, a arte e o cotidiano.

Destino semelhante teve no Brasil o pensamento de Sigmund Freud, que nas primeiras décadas do século XX passou a ser referenciadas por médicos, particularmente entre psiquiatras, pelos literatos e artistas ligados ao movimento modernista, e, ainda, popularizou-se através de diferentes iniciativas entre camadas distintas da população.² Médicos e intelectuais, embora com abordagens distintas e de forma diversa, relacionaram as ideias e os conceitos da psicanálise à projetos de nação e nacionalidade – naquele leque de propostas que ora fizeram a defesa do embranquecimento racial da população ou a maciça intervenção estatal para a garantir padrões adequados de saneamento e educação, ora afirmaram os impulsos e os transtornos de personagens ou narradores ou identificavam a partir de referenciais freudianos traços culturais essencialistas.³ Por sua vez, a prática psicanalítica, que Freud, em uma carta à Oskar Pfister, em 1926, desejava que fosse professada de forma leiga se propagava de maneira difusa na sociedade brasileira, inclusive no cotidiano e nos meios de comunicação.⁴

A historiografia sobre as origens da psicanálise no país reforça dois eixos constitutivos, a permeabilização do ambiente médico-psiquiátrico, identificando precursores e pioneiros, assim como os processos de institucionalização do campo e de formação das sociedades de psicanálise, e a absorção pelo campo cultural das ideias freudianas como fonte de reflexão e inspiração nas artes e na literatura, em detrimento de um terceiro, a dinâmica de circulação e divulgação dos referenciais e de suas práticas no cenário banal do mundo urbano do período.⁵

¹ Omelczuck, Soga e Muramatsu apontam que uma forma de se mensurar o impacto do objeto na cultura se daria pela constatação da forma como foi descrito pela *Enciclopédia Britânica* ao longo do tempo, pois em 1824 a sua descrição na sexta edição da publicação continha mais de nove páginas, que se reduziram para duas em 1880, na nona, e em 1985, na décima quinta, ocupou somente metade de uma coluna. Ver OMELCZUCK, Rebeca Saldanha de Araújo, SOGA, Diogo e MURAMATSU, Mikiya. 200 anos de caleidoscópio. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 39, n. 3, São Paulo, 2017.

² Cf. RUSSO, Jane Araújo e CARRARA, Sérgio Luís. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a autoajuda. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 9, n. 2, Rio de Janeiro, maio 2002.

³ Cf. PONTE, Carlos Fidelis da. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fiocruz, Rio de Janeiro, 1999.

⁴ A questão da “análise leiga” será tema de debate recorrente na psicanálise (e Freud dedicará um artigo especificamente ao tema em 1926, reafirmando que a formação do psicanalista se daria partir do tripé da análise pessoal, do estudo teórico e da supervisão clínica. FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: diálogo com um leitor imparcial. In: *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁵ Ver FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud: histórias da digestão do discurso freudiano no Brasil*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2001, e TORQUATO, Luciana. *A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a questão da nacionalidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UFMG, Belo Horizonte, 2014. As iniciativas que se ligavam ao ambiente médico-psiquiátrico e aos processos de institucionalização do campo e de formação das sociedades de psicanálise nos parece mais enfatizado, de tal forma que a popularização e a dimensão clínica receberam menor atenção, como se fossem “iniciativas pontuais”, ou seja, “empreitadas de caráter transitório ou contingente de um ou poucos psicanalistas cujos registros se tornariam imperceptíveis ou não franqueáveis [...], sobretudo ‘aquilo que não faz conjunto’, não estabelece comunidades, agrupamentos e convergências de interesses de ordem coletiva”, e “manifestações psicanalíticas”, enquanto “sincretismo psiquiátrico, antropologia psicanalítica como teoria

É inegável que em um contexto de atraso econômico e desigualdade social, que se refletem nos processos de urbanização e da saúde pública, as propostas de intervenção social e política utilizaram-se de forma recorrente a referenciais biologizantes e baseados em conhecimentos e teorias do campo médico com o objetivo de regular e organizar a sociedade de acordo com um projeto civilizatório-educativo voltado para a segurança e prosperidade nacional.⁶ Como aponta Rocha⁷, a perspectiva higienista das primeiras décadas do século XX, que buscava intervir para disciplinar e civilizar um “povo primitivo”, tanto degenerado pela herança racial africana e indígena quanto dominado por paixões e instintos, encontrou na medicina psiquiátrica uma ferramenta e em seus profissionais fortes aliados de um projeto civilizatório de cunho racista e autoritário.

Ao mesmo tempo, nesse mesmo período Freud buscou não só explicitar as particularidades de sua abordagem como também lançar as bases referenciadas de seus desdobramentos como prática, como em seus trabalhos *Cinco lições sobre psicanálise* (1910), *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1914), *Caminhos da terapia psicanalítica* (1919) e *As resistências à psicanálise* (1925). Assim, psiquiatras passaram a identificar no pensamento freudiano elementos para entender e intervir em um povo fraco e heterogêneo, buscando viabilizar a modernização que garantiria uma necessária evolução.

A história da psicanálise no Brasil identifica como seus grandes pioneiros Juliano Moreira – professor catedrático da Faculdade de Medicina de Salvador que foi o primeiro brasileiro a citar Freud, em 1899, e ocupou, a partir de 1903, a direção do Hospital Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro, e que, a partir de 1926, ocupou cargos de direção na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, posteriormente, em 1929, na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal – e Franco da Rocha, que lançou o livro *A doutrina pansexualista de Freud* (1920), que apresentava um panorama dos principais conceitos psicanalíticos.⁸ Russo⁹, no entanto, esclarece que a vinculação da maioria dos médicos com a teoria de Freud se estabelecia somente na di-

social, mimesis da psicanálise como crítica da cultura. Antes de ser uma prática metódica para tratamento do sofrimento, a psicanálise era um complexo discursivo que servia ao diagnóstico do mal-estar no Brasil”. LIMA, Rafael Alves. *A psicanálise na ditadura civil-militar brasileira (1964-1985): história, clínica e política*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – USP, São Paulo, 2021, p. 42, e DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 139.

⁶ Cf. FACCHINETTI, Cristiana. *Psicanálise modernista no Brasil: um recorte histórico*. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 13, n. 1, São Paulo, jan. 2003.

⁷ Ver ROCHA, Gilberto Silva. *Psicanálise e psiquiatria: uma introdução epistemológica ao surgimento da psicanálise no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1983.

⁸ Couto e Silva apontam que o autor cometeu um equívoco ao abordar o instinto sexual na obra freudiana, dando um destaque ao pansexualismo de maneira a permitir o entendimento de que a psicanálise derivava da sexualidade todas as ocorrências mentais – objeção já apontada em alguns críticos por Freud em 1923 –, tanto que, ao lançar a segunda edição de seu livro, suprimiu o termo “pansexualista” do título, a partir de sugestão de Durval Marcondes, grande conhecedor da obra freudiana. Ver COUTO, Daniela Paula do e SILVA, Mardem Leandro. *A psicanálise de crianças no Brasil: um relato histórico*. *Psicologia em Pesquisa*, v. 12, n. 3, Juiz de Fora, dez. 2018. Oliveira, por sua vez, discute como o tema do “pansexualismo freudiano” foi abordado pelos primeiros comentadores no Brasil e seus efeitos na difusão local do pensamento de Freud. Ver OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. *Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação*. *Ágora*, v. 5, n. 1, Rio de Janeiro, 2002.

⁹ Ver RUSSO, Jane Araújo. *A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX: da vanguarda modernista à radionovela*. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 2, n. 1, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2002.

vulgarização de seus referenciais em seus escritos teóricos, sem que efetivamente adotassem a psicanálise em sua prática clínica.

Nesse trânsito intelectual o Brasil passou a ocupar uma posição entre os países pioneiros na América Latina na institucionalização da psicanálise a partir da vinda de profissionais reconhecidos pela International Psychoanalytical Association (IPA)¹⁰, responsáveis pela transmissão das ideias freudianas aos candidatos brasileiros interessados ao título de psicanalista, e que iriam fundar as primeiras sociedades oficiais de psicanálise no Brasil.¹¹

Obras de referência nesse período foram os trabalhos de Emmanuel Régis e Angelo HERNARD, autores do primeiro livro sobre a psicanálise na França, *La psychoanalyse des nevroses et des psychoses*, que propunha uma releitura menos germânica e mais latina da obra de Freud, e cujos autores obtiveram tal visibilidade que seu livro foi traduzido e publicado no Brasil em 1923, oito anos antes da primeira tradução oficial de um texto freudiano, as *Cinco lições sobre psicanálise*, feita por Durval Marcondes e José Barbosa Corrêa, em 1931.¹²

As traduções de Freud no país se deram a partir das versões em francês e espanhol, como *Psychopathologia da vida quotidiana*, em 1933, e *Introdução à psicanálise*, em 1934, ambas traduzidas por Elias Davidovitch, *Totem e tabu* e o *Futuro de uma ilusão*, em 1934, por Julio Pires Porto-Carrero, *Psicanálise e psiconeuroses e Técnica psicanalítica e psicologia da angústia*, as duas em 1934, e *Interpretação dos sonhos e outros ensaios*, em 1935, os três por Odilon Gallotti e, por fim, *Psicologia da vida erótica*, por Moysés Gikovate em 1934.¹³

A circulação da psicanálise no país, nas primeiras décadas do século XX, se inseriu em um debate sobre a construção da nação, aproximando a questão racial da problemática da sexualidade, com o discurso médico-

¹⁰ A IPA foi criada por Freud e seus colaboradores durante o segundo Congresso Internacional de Psicanálise, em Nuremberg (Alemanha), em março de 1910, frutificando proposta surgida em Salzburgo (Áustria) em abril de 1908. Cf. ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

¹¹ Diversos trabalhos historicizam a institucionalização da psicanálise no Brasil, como OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. *História da psicanálise*: São Paulo (1920-1969). São Paulo: Escuta, 2006, DUNKER, Christian Ingo Lenz, *op. cit.*, *idem*, *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume, 2011, FACCHINETTI, Cristiana. *História das psicoterapias e da psicanálise no Brasil: o caso do Rio de Janeiro. Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 18, n. 4, Rio de Janeiro, 2018, CASTRO, Rafael Dias de. *Sublimação do id primitivo em ego civilizado: o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*. Jundiaí: Paco, 2015, VALE, Eliana Araújo Nogueira do. *Os rumos da psicanálise no Brasil: um estudo sobre a transmissão psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 2003, MOKREJS, Elisabeth. *A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993, GAGEIRO, Ana Maria e TOROSSIAN, Sandra. *A história da psicanálise em Porto Alegre. Analytica: Revista de Psicanálise*, v. 3, n. 4, São João del-Rei, 2014, RUSSO, Jane Araújo. *O mundo PSI no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, e SÉRIO, Nádia Maria Ferreira. *Reconstruindo "Farrapos": a trajetória histórica da S.P.R.J. instituição e poder*. Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, 1998.

¹² Cf. OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. *História da psicanálise*, *op. cit.* Bottman realiza um levantamento das traduções brasileiras da obra freudiana desde sua primeira publicação em livro em 1931 até 1969. Ver BOTTMAN, Denise. *Curiosidades freudianas (1931-1969)*. *Belas Infiéis*, v. 2, n. 2, Brasília, 2013. As ideias de Freud e os conceitos da psicanálise circulavam com maior volume em São Paulo e Rio de Janeiro, embora se deva mencionar alguns psiquiatras no Rio Grande do Sul (Dyonélio Machado e Martim Gomes), na Bahia (Arthur Ramos), em Pernambuco (Ulisses Pernambucano) e em Minas Gerais (onde Iago Pimentel publicou a primeira tradução "não oficial" de um excerto de um texto freudiano para o português a partir do original em alemão, trecho do *Cinco lições de psicanálise*, na modernista *A Revista*, em 1926). Cf. TORQUATO, Luciana Cavalcante. *A história da psicanálise no Brasil: enlace entre o discurso freudiano e o projeto nacional*. *Revista de Teoria da História*, v. 14, n. 2, Goiânia, nov. 2015, p. 54.

¹³ Cf. BOTTMAN, Denise, *op. cit.*



psiquiátrico buscando mesclar suas concepções organicistas e classificatórias com uma etiologia das psiconeuroses, para garantirem uma civilidade a partir da superação de impulsos primitivos¹⁴ – em que o ego melhor controlaria o id –, tendo as concepções freudianas como complementares às técnicas de cura e tratamento consolidadas e em interação com as particularidades regionais.¹⁵ Por sua vez, Torquato¹⁶, focando particularmente a obra de Mario de Andrade, e Torquato e Rocha¹⁷, de forma mais geral, demonstram os vínculos entre a arte modernista no país e as ideias freudianas, o que, em contraste com a “prática clínica, diagnóstica e nosográfica” dos médicos-psiquiatras, se apresenta como caminho para a compreensão e debate sobre as questões da nacionalidade e da cultura brasileira.

Uma manifestação da proximidade, ou do interesse, da elite intelectual nacional com os referenciais psicanalíticos é atestada pela primeira tradução não oficial de um texto de Freud no país, quando o médico Iago Pimentel apresentou uma versão em português, a partir do alemão, de excertos do livro *Cinco lições sobre psicanálise*, com o título “Sobre a psycho-analyse”, publicando-o no terceiro e último número de *A Revista*, periódico literário organizada por Carlos Drummond de Andrade, em 1926.¹⁸ Naquele volume constavam textos de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Pedro Nava¹⁹, entre outros, e o tradutor definia que o objetivo da publicação do texto era que o leitor melhor conhecesse “a doutrina de Freud ou psycho-analyse, tão divulgada, tão mal conhecida e tão mal interpretada”²⁰, o que corrobora a ideia de circulação significativa e extramédica – quer como algo identificado positivamente quanto negativamente – do pensamento freudiano.

Esses dois enfoques, mais intelectualizados e, conseqüentemente, elitizados, talvez reflitam tanto a ambição do campo psicanalítico se afirmar como um conhecimento racional e científico, como também uma refinada e sensível

¹⁴ Deriva de tal arranjo a importância dada à sexualidade e as possibilidades de seu controle pelo higienismo, a partir da classificação, disciplinarização e normalização das práticas sociais.

¹⁵ E nisso se refletiram as particularidades regionais, como em São Paulo, onde a psicanálise buscou refletir sobre a cultura para responder uma intensa crise de identidade de seus cidadãos devido ao rápido crescimento e configurações do lugar, o Rio de Janeiro, com profunda interlocução com a psiquiatria e propondo uma nova terapêutica para a loucura, Salvador, inserida na discussão sobre as origens da loucura e as questões raciais, ou, ainda, Porto Alegre, enormemente influenciada pela proximidade geográfica e cultural com a Argentina e a psicanálise portenha. Cf. SANTOS, Rodrigo Afonso Nogueira e KYRILLOS NETO, Fuad. Os primeiros tempos da psicanálise em Minas Gerais: a difusão das ideias freudianas na década de 1920. *Memorandum*, v. 31, Belo Horizonte, 2016, p. 82.

¹⁶ Ver TORQUATO, Luciana Cavalcante. A história da psicanálise no Brasil, *op. cit.*

¹⁷ Ver TORQUATO, Luciana e ROCHA, Guilherme Massara. A peste no Brasil: a introdução das ideias freudianas no Brasil a partir da medicina e do modernismo. *Ágora*, v. 19, n. 3, Rio de Janeiro, set. 2016.

¹⁸ Cf. TORQUATO, Luciana Cavalcante. A história da psicanálise no Brasil, *op. cit.*, p. 54.

¹⁹ Um excerto do memorialismo do autor: “E como a conversa dos doentes é reveladora! Como todos, mesmo os chatos, se tornam interessantes quando falam de seus males. O Egon sabia dessa necessidade de conversar com o paciente, aprendera isso do Ari e não só do Ari, mas de outros médicos e amigos – Galba Veloso e Iago Pimentel – que primeiro tinham lhe falado de Freud. Ele tinha lido alguma coisa do bruxo de Viena [...] e vira que sem conversa não se chega a nada e que é conversando que a gente se entende. Lera os livros nas traduções da Payot. Não sabia bem porque, mas destas pessoas e destes livros é que viera sua mania de conversar com os doentes, de pesar as palavras deles e depois as suas. [...] Para isso, não dizer nada em vão. Policiar suas palavras porque elas iam ficar gravadas para sempre no coco dos pacientes”. NAVA, Pedro. *O cirio perfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 213 e 214.

²⁰ PIMENTEL, Iago. Sobre a psycho-analyse. *A Revista*, anno I, n. 2, Belo Horizonte, ago. 1925, p. 14.

ferramenta para a compreensão da realidade nacional em um contexto de rápidas e intensas mudanças.²¹

O proletário do espírito

A psicanálise, como prática e teoria dos efeitos do inconsciente, era, pois, claramente abordada com finalidades mais sociopolíticas, de controle social e prolongamento do saber psiquiátrico, do que como instrumento de bem-estar físico e mental, como saber específico e recurso terapêutico. Em significativo contraste com esse enfoque político e instrumental, legitimado inclusive por uma abordagem acadêmica, destacou-se a figura do médico Gastão Pereira da Silva (1898-1987), um dos pioneiros e dos maiores popularizadores da psicanálise no país, sendo que desde a década de 1930 escreveu diversos livros dedicados à divulgação científica sobre o tema, além de atuar como jornalista, biógrafo, novelista, tradutor e teatrólogo, entre outras iniciativas.²²

Em relação à história da psicanálise brasileira, ele foi esquecido, criticado e/ou deslegitimado tanto pela dimensão popular de sua produção como por sua trajetória profissional marcada pela oposição aos processos de institucionalização da formação de psicanalistas no país, desenvolvida em confluência com as normas e regulações propostas – entendidas por ele como elitistas – pela IPA e por ser peremptoriamente a favor da análise leiga.²³ Entre suas obras cinco despertam um interesse particular, aquelas em que são apresentadas, de forma direta e didática, as teorias e os conceitos da abordagem psica-

²¹ Também não se pode perder de vista que tais ambições não excluem a própria dimensão corporativa da criação de um mito de origem que abordava a psicanálise como ciência e prática asséptica e sem comprometimento político-social, capaz de oferecer um conhecimento legítimo e verdadeiramente freudiano a partir de certas regras de formação e credenciamento. O mito de criação, em grande parte, reflete a forma como certos grupos foram capazes de articular com maior força suas próprias concepções de identidade grupal frente a outros através de ações e estratégias de convencimento ou imposição, afirmando um *ethos* e defendendo um *status quo* corporativo. Cf. FACCHINETTI, Cristiana e PONTE, Carlos. De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psychê*, v. 7, n. 11, São Paulo, jun. 2003.

²² “Em 1934, criou na revista *Carioca* a coluna “Psicanálise dos Sonhos”, ilustrada por uma fotografia de Freud (que dá origem ao livro *Conhece-te pelos sonhos*). Na revista *Vamos Ler*, manteve uma coluna intitulada “Página das mães” (da qual nasceu o livro *Conheça seu filho*). Posteriormente colaborou na revista *Seleções Sexuais*, com a seção “Confidências”. Ainda nos anos 30, manteve durante três anos o programa “No mundo dos sonhos”, na Rádio Nacional, no qual, segundo suas palavras, ‘radiofonizava os sonhos (enviados pelos ouvintes)’ como se fossem pequeninas histórias, em *sketchs*, interpretadas pelo *cast* do rádio-teatro daquela emissora. No mesmo período, começou a escrever radionovelas de cunho psicanalítico e em sua autobiografia lista 44 títulos de sua autoria que foram ao ar. Criou ainda um curso de psicanálise por correspondência, sobre o qual escreveu: ‘O poder de penetração desse curso levado, por outro lado, pelo número de uma simples caixa postal, através do rádio, permitiu-me estabelecer contato com muita gente sofredora, esquecida por assim dizer, em certos lugarejos tão distantes, quanto, até mesmo, desconhecidos dos mapas’”. RUSSO, Jane Araújo. A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX: da vanguarda modernista à radionovela, *op. cit.*, p. 58.

²³ Curiosamente, em um artigo intitulado “Porto-Carrero e a psicanálise no Brasil”, escrito em 1938 pelo crítico literário Othon Costa (1907-1989), um dos fundadores da Academia Carioca de Letras e membro da Academia Brasileira de História, ao serem elencados os maiores psicanalistas do país, citavam-se, além do próprio Porto Carrero, Medeiros e Albuquerque, Franco da Rocha, (Antonio) Austregesilo, Arthur Ramos, Gastão Pereira da Silva, Mauricio de Medeiros e Neves Manta, de modo que o divulgador ocupava seu lugar em uma galeria de notáveis, ao lado dos precursores e pioneiros posteriormente canonizados pela tradição. Ver COSTA, Othon. Porto-Carrero e a psicanálise no Brasil. *Gazeta de Notícias*, v. 66, n. 6, Rio de Janeiro, 8 jan. 1938, p. 3.

nalítica: *Para compreender Freud* (1931, com inúmeras reedições), *A psicanálise em 12 lições* (1943), *Como se pratica a psicanálise* (1948), *O que é psicanálise?* (1959) e, ainda, *25 anos de psicanálise* (1959).²⁴ Elas implicam uma abordagem distinta daquela dos intelectuais modernistas, interessados nas possibilidades artísticas do entendimento do inconsciente ou em um projeto civilizacional, ou da medicina psiquiátrica, com seu projeto político-nosológico, enfatizando as possibilidades de reconhecimento e utilização, de maneira ampla e popular, das teorias e conceitos freudianos para a superação do mal-estar individual e a compreensão do outro.

Gastão Pereira da Silva entende a teoria freudiana como a possibilidade de compreensão e de intervenção no jogo de forças entre inconsciente e consciente, no qual a modelagem cultural e a relação do indivíduo com questões éticas, morais e sociais podem adquirir dimensões dolorosas e trazer sofrimentos psíquicos diversos, tanto para pessoas aparentemente saudáveis quanto adoecidas. A psicanálise, portanto, é vista como uma teoria da subjetividade, com objetivos muito mais amplos do que a busca de uma cura para o sofrimento psíquico, tal qual uma forma refinada de indagação e questionamento sobre a saúde, o bem-estar e o bem-viver, partindo do princípio de que era necessária e urgente sua divulgação e circulação.

Em seu livro de memórias, *25 anos de psicanálise* (1959), o autor faz um balanço sobre sua trajetória:

*Assim, nunca fiz parte daquilo que hoje se chama 'igrejinhas'. Nunca fiz parte de nenhum 'rebanho', de grupos ou de sociedades. Nunca fui seduzido por concursos, congressos, sorteios, ou tudo mais em que a gente se candidata para concorrer com outros. [...] Não sei até onde pode ir a vantagem, ou a desvantagem de uma tal atitude. Não sei se ganhei ou perdi. Penso, contudo, ter ganho mais do que perdido, pois a minha constante reação ao convencionalismo sempre me deu maior lastro de independência de atitudes para meu espírito. [...] Por tudo isso aqui se explica esses 25 anos de divulgação da psicanálise no Brasil, sem alardes e sem aplausos da galeria, "sem acutilar, nem dilacerar, em competições mesquinhas, o renome alheio" [...]. Apesar dos divulgadores não serem olhados com 'bons olhos' pelos clínicos, estes devem àqueles a sua clientela... Também não cabe ao grande público a incompreensão da psicanálise, cuja aceitação se faz sentir pelo interesse que desperta.*²⁵

A pouca visibilidade da contribuição de suas obras no campo de formação da psicanálise no país talvez reflita a maneira como os grupos que determinaram quem seriam os precursores e fundadores do campo no Brasil

²⁴ Na produção do autor há um amplo leque de publicações com um claro viés mercadológico, com títulos mais apelativos ou sobre personagens históricos retratados sob uma perspectiva psicanalítica, como *Lenine e a psico-análise* (1933), *Procópio Ferreira através da psico-análise* (1933), *Vícios da imaginação: meios de corrigi-los* (1939), *Freud: estudo biográfico* (1941), *Getúlio Vargas e a psicanálise das multidões* (1940), *Doentes célebres* (1942), *Como se interpretam os sonhos* (1943), *O tabu da virgindade* (1947), *O ateísmo de Freud* (1966), *Parapsicologia e psicanálise* (1968) ou ainda, em coautoria com José Pereira da Silva, *Crime e psicanálise* (1933). Registre-se que nas primeiras décadas do século XX as teses freudianas acabavam sendo limitando a interpretações que as destinavam a uma posição de instrumento diagnóstico, terapêutico e moral, inclusive com destaque sobre a sexualidade, fato que pode ser comprovado a partir das disciplinas dos cursos de medicina do período, além daqueles textos que eram dedicados ao público leigo. Paralelamente, Julio Pires Porto-Carrero (1887-1937), psiquiatra que foi um dos mais importantes pioneiros da psicanálise no país, chegou a publicar títulos como *Venenos sociais* (com Candido de Oliveira Filho, 1922), *O caráter do escolar segundo a psicanálise* (1927), *Sexo e cultura* (1933) ou *Grandezas e misérias do sexo* (1934).

²⁵ SILVA, Gastão Pereira da. *25 anos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Império Editora, 1959, p. 292-294.

excluíram alguém que não demonstrou, pelo pertencimento institucional ao meio acadêmico, ser dotado das virtudes epistêmicas²⁶ de um verdadeiro psicanalista, mesmo que em suas obras tal autor referenciasse seguidas vezes o *ethos* psicanalítico.²⁷

As virtudes epistêmicas servem como balizas para a afirmação de uma *persona* psicanalítica dos praticantes do ofício, dotados de um repertório de características e valores que se apresentam como norteadores da vida profissional dos psicanalistas e também dos espaços de postura performática necessária para uma produção de si, delimitando aquilo que se espera que o indivíduo realize segundo moldes predeterminados para definir seu pertencimento ao grupo.²⁸

A dimensão performática, por sua vez, se traduz em uma modelagem comunicacional, uma vez que os psicanalistas, tangidos pelas virtudes epistêmicas do seu *métier*, passaram a legitimar uma forma de escrita que buscava se afirmar como vinculado ao tratado mais do que ao ensaio, e no qual o conceito e o jargão se entrelaçam, a circulação e recepção devem ser restritas, justamente para produzirem o efeito de mistificação que afasta o leigo e o mútuo reconhecimento que viabiliza a comunicação entre os iniciados. Essa dimensão performática, portanto, exclui aquele que escreve de forma simples, para não iniciados, e objetivando a ampla circulação, e ainda o estigmatiza como simplório e vulgar.

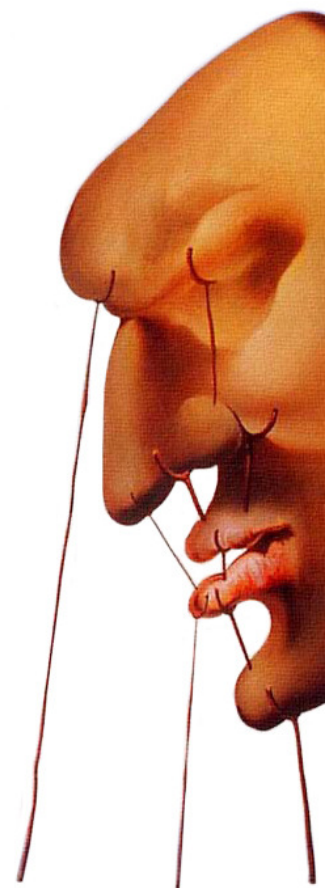
De forma contrastante, no entanto, o *ethos* psicanalítico é reafirmado de forma recorrente por Gastão Pereira da Silva, ao referenciar o pensamento freudiano, suas tópicas e suas práticas, tal qual qualquer iniciado deveria fazer, embora o objetivo da popularização exija a circulação por espaços e caminhos novos e distintos dos consagrados pelo grupo médico, buscando um possível público-leitor não acadêmico e não erudito.²⁹ O perfil de divulgador

²⁶ “O conceito de virtude epistêmica foi introduzido no debate contemporâneo da filosofia por Ernest Sosa, descrevendo a noção aristotélica de virtude intelectual como uma performance humana, envolvendo habilidades, como percepção acurada, memória confiável e raciocínio válido. Análoga à teoria da virtude em ética, essa abordagem tem se traduzido num conjunto diverso de propostas sobre questões tradicionais da epistemologia, como crença justificada e conhecimento, que compartilham a pretensão comum de normatividade do empreendimento epistemológico não apenas no estabelecimento de normas e regras, mas também de obrigações e valores”. ENGEL, Doraci. Virtude epistêmica e normatividade. *Anais da Semana Acadêmica do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCRS*, Porto Alegre, 2011. Pela sua amplitude conceitual (ética, política e moral), as “virtudes epistêmicas” podem se mostrar uma categoria útil mais quando interpretadas mais em um sentido fraco (“epistêmico” como uma camada de significado entre outras) do que em sentido forte (“apenas epistêmico”). Para o aprofundamento do conceito, ver GRECO, John and TURRI, John. Virtue epistemology. In: ZALTA, Edward (eds.). *The Stanford encyclopedia of philosophy*. Disponível em <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2015/entries/epistemology-virtue/>>. Acesso em 1 fev. 2024.

²⁷ O *ethos* mencionado nesta pesquisa se refere a um comportamento verbal e não verbal acerca daqueles que estão vinculados a um processo de interação social, nos quais estão inseridas as maneiras de se apresentar, no relato, cuja manifestação discursiva tem a finalidade de construir uma imagem de si, a ser levada ao leitor, com vistas a adquirir credibilidade para a inscrição daquilo que se desenha no jogo narrativo e que pode, ou não, ser aceito pelo público.

²⁸ Entre as primeiras décadas e os meados do século XX, ao longo do processo de formação e consolidação da psicanálise no país, valorizavam-se a formação médica, de preferência psiquiátrica, e o vínculo acadêmico ou institucional com a saúde mental.

²⁹ *Ethos* é utilizado aqui, de forma ampla, como comportamento verbal e não verbal dos envolvidos em um processo de interação social e que se traduzem como modos de enunciação (maneiras de dizer e de se apresentar) com base em indícios de tom, caráter e corporalidade. Ver FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001, AMOUSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana



foi uma clara opção profissional, ético-política³⁰ e comunicacional-mercadológica, pois, como afirma na introdução de *O ateísmo de Freud* (1966), “procuramos afastar-nos dos moldes acadêmicos, da linguagem hermética, ou coisa parecida, no sentido de não dificultar o entendimento fácil da maioria de nossos leitores”³¹, e, embora se distanciasse em alguns pontos do *ethos*, por outro lado afirmava uma orientação que posteriormente passou a ser majoritária, a de que o psicanalista não é o mestre.

Essa busca da ampliação do alcance da psicanálise se mesclava com a atuação como jornalista e radialista, inclusive como sócio e conselheiro da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), em distintos veículos de comunicação e, conforme demandas culturais da época, inserindo-se nas discussões sobre sexualidade, educação infantil e criminalidade.

A coluna “Psychanálise dos Sonhos” (1935-1937)

A primeira experiência de maior alcance de tais atividades foi a criação da coluna “Psychanálise dos Sonhos”, publicada entre 16 de novembro de 1935 e 21 de agosto de 1937, na revista *Carioca*, pertencente ao grupo jornalístico *A Noite*³², em que respondeu mais de duas mil cartas de leitores sobre seus sonhos e suas angústias.³³ O psicanalista-colunista se equilibrava, numerando sequencialmente as cartas recebidas, identificando seus leitores por seus pseudônimos e a localização dos mesmos³⁴, em meio a anúncios de produtos de beleza ou para a saúde.³⁵ Entre a escolha de cartas que poderiam chamar a

Raquel e SALGADO, Luciana (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, e MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth, *op. cit.* Merton, nos ensaios *A ciência e a ordem social* (1938) e *A ciência e a estrutura social democrática* (1943), discute as características da comunidade científica e define o conceito como o conjunto de normas e valores que caracterizam determinada comunidade, com seus imperativos específicos. Ver MERTON, Robert. *Ensaio de sociologia da ciência*. São Paulo: Editora 34, 2013.

³⁰ Em relação à questão política, a crítica do autor aos processos de elitização da psicanálise no país também pode refletir, em certa medida, uma postura frente ao modo de organização social que deriva de uma estrutura econômica extremamente desigual. Ver a sua produção com temas ideologicamente de esquerda, particularmente nos inícios da década de 1930 e em meados da década de 1940, quando o PCB estava legalizado, e nas décadas de 1970 e 1980, na ditadura civil-militar: *Lenine e a psicanálise* (1933), *O operário e a nova sociedade* (1932), *A mulher no regime proletário* (1934), *A mulher na Rússia* (1945) e a tradução de *Recordações de Lenine* (1937), de Nadja Krupskaya, ou ainda as peças teatrais *Esquerda festiva* (1972) e *O processo da violência* (Caso Herzog) (1981), ambas apresentadas na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro.

³¹ SILVA, Gastão Pereira da *apud* SILVA, Helcio. Pereira da. *Gastão Pereira da Silva: de filho para pai*. S/l: Perspectiva, 1993, p. 80.

³² O grupo jornalístico *A Noite*, ligado ao jornal de mesmo nome e editado entre 1911 e 1957, criou no início da década de 1930 duas revistas dirigidas por Raimundo Magalhães Júnior, *Carioca*: dedicada a variedades (particularmente cinema, rádio e teatro), com muitas ilustrações, e alcançando ampla circulação, e *Vamos Ler*, voltada para a educação e cultura letrada, recebendo a contribuição de destacados escritores, intelectuais, artistas, ilustradores e repórteres. Gastão Pereira da Silva colaborou como colunista nas duas publicações, além de ter livros editados pela empresa.

³³ Posteriormente o tema do significado dos sonhos também foi explorado pelo autor como radialista, ao longo de três anos, entre 1937 e 1939, no programa “No Mundo dos Sonhos” na Rádio Nacional, que apresentava a dramatização sonora de relatos oníricos enviados pelos ouvintes como se fossem pequeninas histórias, interpretadas pelo elenco do radioteatro da emissora.

³⁴ A maioria dos missivistas são mulheres e do Rio de Janeiro, mas há cartas de distintas regiões do país (São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, etc.).

³⁵ Como o Phymatosan, “contra as bronchites e outras molestias”, as Pílulas de Foster, que resolvem as “frequentes dores lombares, pontadas na região renal que tiram o prazer de viver”, ou a Camomillina, o “pó calcáreo preventivo e eficaz nas cólicas, convulsões, diarrhéas, febre e insônia”, a Emulsão de Scott, o

atenção dos leitores e o acolhimento dos confidentes, Gastão Pereira da Silva cuidada da divulgação de seus livros e da sua postura ético-profissional.

Tomemos como exemplo uma longa resposta para uma leitora que confidenciou sonhos com conotação sexual e de natureza desviante: “N. 810 – Lily Christina – Rio – O sonho é de natureza sexual. Não pôde ser explicado como poderia ser, por exemplo, numa correspondência privada. Por mais que se queira, ou por mais habilidade que se tenha, nem sempre é possível encobrir, através de outras palavras o sentido oculto e sexual de um sonho, principalmente quando os símbolos, como o sonho em apreço, aludem a certas particularidades”.³⁶

O autor, numa perspectiva clássica do freudismo, relaciona o mundo onírico e a dimensão libidinal, mas de forma criteriosa chama a atenção para a complexidade de tais relações e as limitações de aprofundá-las a partir de uma mera carta. Continua ainda, de forma didática, a explicar o contexto conflituoso entre a dinâmica psíquica e o mundo social, no qual o processo de socialização produz o recalque e de que maneira isso pode converter-se em dor ou estigma:

A sexualidade vem de um instinto, como V. sabe, que tem os mesmos ‘direitos’ que qualquer outro. Mas a educação avessa, o preconceito, a moral, o convencionalismo social achou por bem da ética, e para o mal de muitas almas sofredoras, ‘recalcá-lo’, encolbril-o sob todas as formas e aspectos. O instinto entretanto não conhece essa exigência. Dahi os ‘traumas’ violentos e todos os defeitos que encontramos no dinamismo cruel e silencioso do espírito humano. Nós podemos desejar tudo, até mesmo a morte de uma pessoa que nos faz alguma diferença na vida... Se desejamos comer, comemos, se temos vontade de beber, bebemos, se queremos dormir, dormimos, etc., etc. Mas se desejamos eleger um objecto para o qual o instinto sexual nos atráe, tudo muda. Temos que fazer às escondidas porque é ‘feio’ e o preconceito não permite...³⁷

Além de reafirmar as próprias limitações que uma mera carta apresenta para a interpretação do sonho e a discussão de recalques, traumas e neuroses, Gastão Pereira da Silva contextualiza a dimensão política, apontando as tensões derivadas da questão moral em uma sociedade patriarcal, em um regime de natureza autoritária e contexto de radicalização ideológica crescente no país: “Por isso, falar abertamente nesses assumptos, principalmente e num jornal, é o mesmo que se ‘conspirar’ contra a legalidade de um regime de governo reinante. De sorte que, quando os sonhos são essencialmente sexuais, torna-se quase impossível uma resposta clara e incisiva ao consulente”.³⁸

O colunista-psicanalista apresenta um breve “diagnóstico”, relacionando o sofrimento narrado à traumas vivenciados, sugerindo a análise psicanalítica e tendo o cuidado de não caracterizar a consulente de maneira patológica:

óleo de fígado de bacalhau que era “agradável de tomar, fácil de digerir”, o termometro para febre Perken, de fabricação inglesa, o creme dental Kolynos para a limpeza antiséptica dos dentes, ou ainda, o Sal de Fructa Eno, para o fígado e as “indisposições do estômago”. SILVA, Gastão Pereira da. *Psychanálise dos Sonhos. Carioca*, n. 42, Rio de Janeiro, 8 ago. 1936, p. 60 e 61.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 60.

³⁷ *Idem*.

³⁸ *Idem*.

V., de tudo que lemos, tem um grande distúrbio de affectividade, cujo nódulo vamos encontrar nos defeitos de sua educação sexual. Só a psychanálise directa lhe daria mais livre curso aos 'recalques' de sua alma machucada, libertando-a desse sofrimento moral em que se encontra. A psychanálise é a medicina do espirito. E V. se enquadra num de seus capítulos. Porém, como vê, esse tratamento não é possível por correspondência, infelizmente. Não queremos dizer com isso que V. seja uma doente. Absolutamente. V. é apenas uma 'recalcada'. Tem apenas um distúrbio da affectividade, fácil de ser corrigido. E nada mais.³⁹

Ele encerra a resposta com a indicação de recursos bibliográficos para a missivista e o público em geral, caso tenham interesse em buscar uma melhor compreensão das dinâmicas psíquicas e do comportamento narrado em particular: "Leia o livro de Ralph: 'Conhece-te pela psychanálise', o de Gastão Pereira da Silva: 'Para compreender Freud', ou ainda: 'Conhece-te pelos sonhos' (este a sair em setembro). São livros que ensinam o caminho da libertação. Aqui ficamos por hoje e sempre às ordens, naquilo que nos seja possível ser uteis, sim?"⁴⁰

Possivelmente a missivista se referia, entre as categorias "desviantes" mais recorrentes naquele contexto e pela forma como o autor encaminha a resposta, a um desejo por alguém do mesmo sexo, em que a referência na resposta ao "fazer escondido" se colocava de forma mais cotidiana em tal época do que o adultério ou o incesto, por exemplo.⁴¹ Mas, note-se a crítica ao moralismo social, a referência cruzada ao autoritarismo e à censura, a ausência de julgamento moral ou de patologização (embora mantendo a herança falocêntrica do freudismo da época), assim como a defesa da psicanálise, a indicação para a busca de terapia e a divulgação de livros introdutórios sobre os temas (com os seus inclusos).⁴²

Na mesma coluna, na carta seguinte, de n. 811, enviada por Moreninha, do Rio de Janeiro, Gastão Pereira da Silva adota uma postura de acolhimento e empatia em relação às angústias identificadas como menores, reafirmando a capacidade da psicanálise "desafogar a alma oprimida" e "corrigir os defeitos dos sentimentos".⁴³ Essa empatia se construía pela dimensão

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ *Idem.* O livro de Joseph Ralph, editado nos Estados Unidos em 1921 e publicado pela José Olympio em 1932, recebeu seguidas edições em português. Segundo uma breve resenha de 1922, o autor, que não tinha formação médica, atuava como psicanalista e buscava divulgar a psicanálise para o público leigo, com um texto que atenua as questões sexuais, o que fragiliza algumas explicações, mas ainda fiel aos conceitos freudianos, apresentando de forma didática questões fundamentais sobre o inconsciente e da psicanálise para leitores que não buscavam uma dimensão mais técnica ou aprofundada. Cf. PAYNE, Charles Rockwell. Review "How to Psycho-Analyze Yourself". *Psychoanalytic Review*, n. 9, s./l., 1922. Payne, se insere em um momento de circulação do freudismo – tal qual o de muitos pioneiros no Brasil – no qual a formação do psicanalista, a partir do tripé estudo, análise e supervisão, ainda não havia se consolidado como modelo e tem no título a ambição mercadológica de estabelecer um vínculo simplista entre o conhecimento dos conceitos e a possibilidade de autoanálise, tal qual o livro citado do próprio Gastão Pereira da Silva.

⁴¹ A referência ao adultério, por exemplo, é tratada sem maiores cerimônias em resposta à carta de n. 1354, de Mineira, de Belo Horizonte, sobre a qual o autor comenta: "A interpretação do sonho que nos mandou depende sómente de uma resposta sua: "– esse rapaz é, em realidade, casado?". SILVA, Gastão Pereira da. *Psychanálise dos Sonhos. Carioca*, n. 67, Rio de Janeiro, 30 jan. 1937, p. 61.

⁴² Um ponto curioso é a resposta para Menina Moça, carta n. 1364, do Rio de Janeiro, na qual não sugere terapia, mas sim o uso controlado de medicação: "Não. Não são distúrbios da alma. São desequilíbrios da alma nervosa que cedem com uma terapeutica chimica cuidada e bem prescripta". *Idem.*

⁴³ "N. 811 – Moreninha – Rio – Faz muito bem em escrever como escreveu. Não ficou mais aliviada? Não é tão bom a gente desabafar com alguém que saiba compreender as nossas máguas? Chama-se isso de

confessional das cartas, sendo que aquelas que não expressavam um aprofundamento autorreflexivo eram sumariamente descartadas como objeto de análise: “N. 1002 – Antonio Ernesto – Bello Horizonte – Os seus sonhos não tem importância nenhuma. Trata-se dum reflexo mystico do seu temperamento. N. 1003 – Silas José – Minas – Não podemos interpretar um sonho escripto em estylo telegráfico. N. 1004 – Transfigurado – Bahia – Revelação occulta de um simples desejo oculto realizado no sonho e... nada mais”.⁴⁴

Ao responder a outro leitor, Fausto, de São Paulo, ele aponta o determinismo psíquico, as heranças vivenciais, como constituintes das angústias e dos sentimentos presentes, ao mesmo tempo em que faz uma crítica a um certo perfil de masculinidade socialmente em voga. Inicia reafirmando a relação determinista do inconsciente sobre o cotidiano e o onírico, inclusive alertando para a dimensão interpretativa necessária para vislumbrarem-se tais relações:

*N. 816 – Fausto – S. Paulo – Já tivemos ocasião de dizer que, ao psychanalista, cabe uma crença inabalável no determinismo psychico. Quando procuramos lembrar-nos de ‘alguma coisa’ que seja capaz de se relacionar com um sonho, o qual pretendemos esclarecer, havemos de considerar que tudo que nos vem á mente ha-de ter forçosamente ligações estreitas com os episodios sonhados. E quanto maior fôr o lastro dessas lembranças, mas facilmente encontraremos a chave da interpretação. Certo surgem recordações que poderíamos chamar de ‘sem pés nem cabeça’. Porém, só em apparencia isto acontece. Tudo portanto que nos vêm a imaginação desperta, ao procurarmos recordar-nos de um sonho – por mais absurdo que seja – ha-de ter um conteúdo psychologico que não pôde ser desprezado, embora taes recordações pareçam ‘desbaratadas e sem nenhuma relação com aquilo que se sonhou’. Havemos de vêr por isso que os dados fornecidos pelo autor deste documento psychico estão intimamente relacionados com os sonhos enviados.*⁴⁵

O autor, a partir do relato exposto na correspondência, é caustico em seu “diagnóstico” sobre o remetente, identificando-o como “uma alma, antes de tudo, egoísta, caprichosa, mas totalmente ausente de affectividade (no sentido corrente da palavra)”, desprovido de qualquer “noção do que seja um affecto profundo e sincero”, com comportamento hipersexualizado e com grandes dificuldades emocionais:

Note-se que ele não fala de sua infância, de seus paes, de sua família. Aos 17 annos procurava ‘alguem’ que viesse, sem duvida, compensar os carinhos que não tem no lar. Mas não pôde encontrar essa compensação, porque o seu inconsciente, deante da victima do seu amor ausente, vingá-se ao invés de acceital-a. Sua infância foi com certeza agreste e hostil, e essa hostilidade ele a transfere, inconscientemente, na eleição do objecto sexual. A sua sexualidade não se sublima em affecto, porque esse affecto não existe, nunca existiu para ele, logo ele não a conhece. Logo ele não pôde dar. Para ele tudo é ‘posse sexual’. O desejo o ilude. Satisfeito este, um novo ‘vazio enche’ a sua alma deserta de sentimento affectivo (deixem passar o paradoxo). Nessa ilusão ele

transferência affectiva e quem possui esta capacidade insensivelmente (sic) desafoga a alma oprimida. Agora V. me pergunta se eu conheço algum remédio para ‘capricho’. Conheço a psychanalyse. Não sabe que ela corrige todos os defeitos dos sentimentos? Pena que eu não posso pratical-a diretamente... Pois com um miligrammo de ‘realidade’, V. deixaria de ser caprichosa... Quanto ao resto, estou de pleno acordo com V.!” *Idem, ibidem, Carioca, n. 42, op. cit., p. 60.*

⁴⁴ *Idem, ibidem, Carioca, n. 53, Rio de Janeiro, 24 out. 1936, p. 60.*

⁴⁵ *Idem, ibidem, Carioca, n. 42, op. cit., p. 61.*

*apaixona-se vivamente pelos obstáculos que encontra nessa paixão, ou, numa palavra, 'simplesmente por não ter possuído a mulher que deseja'. Eis ahi, em traços geraes, a paisagem interior da pessoa referida neste documento que estamos analysando. Voltaremos ao assumpto.*⁴⁶

Efetivamente, uma coluna jornalística de interpretação de sonhos narrados, a partir de um viés psicanalítico, não se destina resolver os conflitos psíquicos dos missivistas, mas somente a oferecer um canal de expressão de desejos e ansiedades de uns, e algum acolhimento possível, assim como a satisfazer a curiosidade de outros, ao mesmo tempo em que colabora para uma popularização dos referenciais psicanalíticos entre o público leitor e contribui para uma normalização das questões psicológicas. Por sinal, em diversas respostas é sugerida a busca de psicoterapia e mesmo o encaminhamento era algo recorrente, inclusive quando o consulente era de outra região: “N. 1008 – Doente K. W. – S. Paulo – Li, com muita atenção, a sua carta. O seu caso é perfeitamente curável, pelos informes da vida infantil que nos dá. Porém, não é acessível por correspondência. Seria necessário um tratamento directo. Mas V. tem ahi um grande psychanalista, o Dr. Durval Marcondes, que o examinará e lhe poderá ser util, muito util. Não vejo razões para tanto desespero”.⁴⁷

Chama a atenção o psicanalista sugerido, Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981), psiquiatra considerado um dos pioneiros da psicanálise no país, fundador em 1927, juntamente com Francisco Franco da Rocha (1864-1933), da Sociedade Brasileira de Psicanálise, a primeira associação psicanalítica da América Latina, mas que foi dissolvida em 1930.⁴⁸ Tal personagem manteve contínuo contato epistolar com Freud, atuou no serviço de saúde mental escolar em São Paulo, desde 1927, criou a *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 1928, e nos anos seguintes participou da criação dos primeiros cursos e cadeiras de psicologia, saúde mental e psicanálise da Universidade de São Paulo.⁴⁹ Tal referência demonstra a sensibilidade de Gastão Pereira da Silva para a formação e o desenvolvimento do campo psicanalítico no país e, de certa forma, sua própria inserção nesse processo.⁵⁰

⁴⁶ *Idem.*

⁴⁷ *Idem, Carioca*, n. 53, *op. cit.*, p. 60.

⁴⁸ A associação renasceu como Grupo Psicanalítico de São Paulo em junho de 1944 e, em 1951, no Congresso da IPA, em Amsterdã, tornou-se reconhecida e referendada como a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPS), sendo presidida por Durval Marcondes nas gestões 1944-1949, 1955-1956 e 1967-1969. Cf. Homenageado: Durval Marcondes. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 24, n. 4, São Paulo, dez. 2004.

⁴⁹ Para melhor compreensão do contexto da trajetória de Durval Marcondes na consolidação da psicanálise no país, ver MANDELBAUM, Belinda e FROSH, Stephen. O “bandeirante destemido” Durval Marcondes, a psicanálise e a modernização conservadora no Brasil. *Revista USP*, n. 126, São Paulo, jul.-set. 2020.

⁵⁰ Quando anunciou o lançamento de seu livro sobre os sonhos em uma das colunas de “*Psicanálise dos Sonhos*”, em 1936, Gastão Pereira da Silva enumerou aqueles que considera os mais respeitados psicanalistas do país, talvez para marcar que reconhecia uma linhagem ou um padrão de excelência que, em outro lugar, também ambicionava: Porto-Carrero, Carneiro Ayrosa, Neves Manta (os três do Rio de Janeiro), Durval Marcondes (de São Paulo), Arthur Ramos (da Bahia), Martim Gomes (do Rio Grande do Sul), entre outros. Ver SILVA, Gastão Pereira da. *Psicanálise dos Sonhos. Carioca*, n. 59, Rio de Janeiro, 5 dez. 1936, p. 60.



O livro *Conhece-te pelos sonhos* (1937)

O sucesso editorial da coluna inspirou o seu autor a escrever um livro sobre o assunto, *Conhece-te pelos sonhos* (1937)⁵¹, imaginando o interesse que o tema despertava e a acentuada procura mercadológica que poderia encontrar no público leitor. A dimensão mercadológica é reafirmada em vários momentos em que são publicados textos elogiosos do próprio autor, de médicos, críticos literários ou de jornais sobre a coluna “Psychanalise dos Sonhos”.

Em dois números distintos da *Carioca* daquele ano o mesmo texto de Gastão Pereira da Silva encabeçava sua coluna, divulgando a publicação de seu livro. A apresentação do volume inicia-se pela vinculação da publicação com o grupo *A Noite* e diferenciando a abordagem do autor em relação ao que se fazia na imprensa e em outros livros, que apresentavam apenas uma forma de divertimento, misto de “jogo floral” e “esporte literário” para recreação dos leitores ou então um objeto do ocultismo barato e charlatanismo para exploração de ingênuos, supersticiosos e incultos.⁵² Segue-se a contextualização do surgimento da coluna e das desconfianças e preconceitos despertados, referindo-se à exploração da psicanálise como tema da moda e a constituição dessa publicação, sucesso de público na revista, como espaço privilegiado do “estudo da psicanálise”.⁵³

Assim, o autor buscava diferenciar-se claramente do entretenimento e do misticismo, reivindicando aos sonhos uma centralidade na vida psíquica, e o texto afirma então que a coluna se pauta pela abordagem freudiana do so-

⁵¹ O autor publicou em 1943, pela José Olímpio, e em 1968, pela Itatiaia, outro livro intitulado *Como se interpretam os sonhos*.

⁵² “‘Conhece-te pelos sonhos’ [em caixa alta no original]. Acaba de ser editado pela S. S. A Noite [*idem*], num lindo volume, e com expressiva capa de Monteiro Filho, o livro que vínhamos anunciando e que nasceu do sucesso alcançado por esta secção, a qual, desde o primeiro número de *Carioca* [*idem*], vem despertando a maior curiosidade entre os seus incontáveis leitores. De início, a ‘Psychanalise dos sonhos’ de *Carioca* [*idem*] parecia, aos olhares de muita gente, um simples divertimento, uma espécie de ‘jogo floral’, um ‘sport literario’, emfim, sem outra finalidade, portanto, senão a de recrear o espirito do leitor. Que poderiam dizer os sonhos? Nada, uma vez que até hoje ninguém se importou de explicá-los scientificamente, apesar de inúmeras tentativas feitas nesse sentido. Homens de ciencia acreditavam, mesmo, ser o sonho comparado a um leigo em musica quando corre os dedos desordenadamente sobre o teclado de um piano. O sonho seria, dest’ arte, a manifestação desconexa, confusa, ou imprevista, de um cérebro em desordem, quando a consciência adormece. Os pesadelos não passavam de uma perturbação psychica, ocorrida durante o período de uma digestão difficil... A biologia deixava, assim, em suspenso, o problema como tem deixado tantos outros. E ficamos por ahí. Os sonhos passaram, então, ao domínio do ocultismo barato, da credence popular e, caindo no charlatanismo, começaram a surgir livrecos de cunho essencialmente imaginoso, cujo fim era explorar a ingenuidade, ou a ignorância do publico supersticioso ou inculto. Ganhando o terreno das ‘prophcias’, da conquista do ‘mysterio revelado’ passaram esses opúsculos que, em geral, se intitulavam ‘Chave de sonhos’ a constituir(sic) um ‘guia seguro’ de se ‘acertar na loteria’, ou de se ‘desvendar o futuro’ através das imagens sonhadas, cujas conclusões são as mais absurdas possíveis”. *Idem, ibidem, Carioca*, n. 67, Rio de Janeiro, 30 jan. 1937, p. 60.

⁵³ “Os sonhos, para as pessoas cultas, ficaram, então, por assim dizer, desmoralizados e, por isso, postos á margem, como cogitação espiritual séria. Quando, dest’ arte, iniciamos esta secção, não foram poucas as cartas que recebemos, nas quase pretendiam alguns leitores conhecer o futuro e ganhar na loteria através de nossos conselhos. Outros julgavam tratar-se de uma exploração oportuna da psychanalise por estar em vóga, ou melhor, em ‘moda’, esses estudos, e também não deram muita importância ao facto. Havia assim, pelo menos aparente, uma certa falta de confiança entre o consulente e o analysta, tanto mais quanto a secção não declarava o nome do seu redactor. Com a segurança das respostas, entretanto, com os inúmeros conselhos que tínhamos a oportunidade de dar aos nossos leitores, com as explicações constantes que registrávamos, fomos, a pouco e pouco, ganhando uma crescente confiança do publico, até que a ‘psychanalise dos sonhos’ de *Carioca* [caixa alta] tornou-se um verdadeiro breviário de consultas sérias, em torno das quaes vae-se desenvolvendo o estudo da psychanalyse entre nós”. *Idem*.

nho, que tem “caráter integralmente científico” e que relaciona o mundo onírico à vida interior e aos processos reprimidos, de um “eu” que a censura social e as conveniências morais e sociais impedem de se manifestar. O conhecimento dessa dimensão oculta da personalidade seria possível pelo domínio de uma técnica e de um método de investigação, a psicanálise, que coloca o sonho como elemento precioso do diagnóstico.⁵⁴ Tais afirmações não só legitimam a teoria freudiana como ferramenta capaz de explicar tais manifestações do inconsciente mas também visam referenciar o autor como dotado dos conhecimentos necessários para isso, caracterizando-o como portador das “virtudes epistêmicas” que a psicanálise exigiria daqueles que ambicionavam serem psicanalistas.⁵⁵ Por fim, ele, relaciona o autoconhecimento como forma de compreender as motivações das ações humanas, e salienta que o livro poderia funcionar como um manual que, a partir de uma “leitura atenta e cuidadosa [...] poderá [levar o leitor a] aprender a interpretar os próprios sonhos”, lembrando que o próprio Freud havia parabenizado o autor pela divulgação da psicanálise no Brasil.⁵⁶

Efetivamente o autor havia escrito anos antes para Freud externando seu interesse pela psicanálise e narrando seus esforços de divulgação do tema no país, além de solicitar uma foto autografada, e obteve como resposta a foto e um bilhete em que o criador da psicanálise dizia que seu nome ainda era pouco conhecido no Brasil e que o esforço do médico-jornalista o faria conhecido⁵⁷, mas esta é a única carta que trocou com o pai da psicanálise, diferentemente de Durval Marcondes ou Porto-Carrero, por exemplo, que traduziram algumas das obras freudianas.⁵⁸

⁵⁴ “É que a ‘psicanálise dos sonhos’ de Carioca [caixa alta] fundamenta-se inteiramente nas investigações da doutrina de Freud, a única que deu ao sonho um carácter integralmente científico, a única que até hoje explicou, com as provas irrecusáveis da prática psychanalytica, que o ‘phenomeno onirico’ é o produto interior de uma vida reprimida, inconfessável, fechada á realidade externa e que por isso mesmo só ella é capaz de revelar o nosso verdadeiro ‘eu’, o ‘eu’ sincero que a ‘censura’ social e as ‘conveniencias da moral’ prohibem de se manifestar.

E, então, através de uma technica, de um methodo de investigação – o psychanalytico – o sonho é hoje, não um ‘facto psychico’ sem importância, mas um elemento precioso de diagnostico, um meio excelente de pesquisa da alma humana no que ella tem de mais secreto e irrevelado”. *Idem, ibidem*.

⁵⁵ Em seu livro *Como se pratica a psicanálise* (1948) dois capítulos, Antes de começar a análise e A verdadeira e a falsa psicanálise, pontuam questões que afirmam um ethos psicanalítico, elencando em seus subtítulos, entre outros, “Algumas regras ditadas pro Freud” e “Defeitos e virtudes de um psicanalista”, mas também outros que afirmam que tal profissional deve ter “a frieza do cirurgião”, “deve ser impenetrável” e “tolerante”, além de discutir a questão financeira e sua relação com a terapia. Ver SILVA, Gastão Pereira da. *Como se pratica a psicanálise*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

⁵⁶ “Conhecer os próprios sonhos é ‘conhecer-se a si proprio’. É ter consciência do ‘porque’ de todas as ações humanas pessoas, muitas das quaes nos parecem estranhas, ou absurdas á personalidade. É este o livro que acaba de ser editado pela S. A. A Noite [caixa alta]. Por elle os nossos prezadíssimos leitores poderão guiar-se, com maiores esclarecimentos, nas suas constantes consultas desta página. Com elle, mediante uma leitura atenta e cuidadosa, qualquer pessoa poderá aprender a interpretar os próprios sonhos, conhecendo-se a si mesmo, conforme indica o titulo, bem ajustado, aliás, que demos ao nosso livro. ‘Conhece-te pelos sonhos’ é de autoria de Gastão Pereira da Silva, que mereceu do creador da psychanalyse o mais franco e decisivo applauso pelas innumeradas obras que, no assumpto, tem publicado no Brasil”. SILVA, Gastão Pereira da. *Psicanálise dos Sonhos. Carioca*, n. 67, Rio de Janeiro, 30 jan., *op. cit.*, p. 60, e *idem, ibidem, Carioca*, n. 67, Rio de Janeiro, 10 mar., *op. cit.*, p. 60.

⁵⁷ Na biografia *Gastão Pereira da Silva: de filho para pai*, de Helcio Pereira da Silva, a contracapa apresenta o *fac-simile* desse bilhete. Ver SILVA, Helcio, *op. cit.*

⁵⁸ Essa carta é referenciada de forma fetichizada em diversas ocasiões, adquirindo sentido de chancela particular a cada um dos livros sobre a temática da psicanálise e sexualidade que o autor produziu, como, por exemplo, em uma nota jornalística sobre o lançamento do livro *Educação sexual da criança* (1934), intitulada Bibliographia: “O livro de Gastão Pereira da Silva, além do mais esta recomendado por uma carta

Outra resenha elogiosa, publicada na sessão “Terra de Cena”, da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 14 de fevereiro de 1937, também foi republicada na coluna do autor na *Carioca*, e destacam-se no texto a legitimação intelectual a partir da publicação anterior de *Para compreender Freud* (1931), de grande sucesso editorial, com seguidas edições, e a maneira como ideias complexas eram apresentadas de maneira compreensível: “(O autor divulga os segredos dos sonhos.) E o faz com seu estylo sem artificios, sem phrases inuteis, sem citações cansativas, mas com segurança absoluta, dentro de principios scientificos acessivos a qualquer espirito menos afeito a obras de divulgação scientifica”.⁵⁹

Gastão Pereira da Silva, que se identificava como um médico, psicanalista e jornalista, talvez entendesse que a obra de divulgação científica ocupava uma posição social muito mais próxima do jornalismo e da literatura do que da tradição psicanalítica do período, pois, ao mesmo tempo em que não fez parte das associações psicanalíticas da época, participou ativamente da ABI e, inclusive, se candidatou à Academia Brasileira de Letras (ABL). Isso fica evidente nas resenhas e textos que republicou em sua coluna sobre o lançamento de seu livro, como um longo texto do teatrólogo e crítico literário Carlos Devinelli Thomaz Pereira (1904-?), que em um texto intitulado “Panorama Psychanalytico” caracteriza Gastão Pereira da Silva como “nome intimo aos leitores da moderna geração literária do país” e o “mais autorizado intérprete [de Freud] entre nós” e que tornou acessível e agradável os conceitos da psicanálise.

Devinelli elogia a sua “linguagem simples” e define a publicação como “um livro elegante sob todos os aspectos, inclusive porque versa matéria ‘realista’” na qual “revela-se o intelectual de invejáveis recursos” cujos “trabalhos são lidos com verdadeiro prazer, por isso que ainda empresta ao seu poder de justa redução das coisas, o colorido de um estilo amável, galante, perfeitamente integrado no espirito literário do momento”.⁶⁰ Curiosamente, a ênfase do crítico é muito maior na habilidade literária do autor do que em sua *expertise* psicanalítica, ou porque era a sua capacidade comunicativa que impulsionaria a venda do livro, ou porque a produção diversificada do médico-psicanalista-jornalista-teatrólogo, ou sua atuação como divulgador, gabaritavam-no naquele contexto também como literato⁶¹:

que lhe escreveu Freud a respeito deste recente trabalho.” O referido livro trazia um *fac-simile* do documento e, portanto, era a missiva anterior ao volume. Cf. *Gazeta de Notícias*, v. 59, n. 9, Rio de Janeiro, 4 out. 1934, p. 10.

⁵⁹ *Carioca*, n. 71, Rio de Janeiro, 27 fev. 1937, p. 60.

⁶⁰ PEREIRA, Carlos Devinelli Thomaz. Panorama Psychanalytico. *Carioca*, n. 75, Rio de Janeiro, 26 mar. 1937, p. 60 e 61.

⁶¹ Tanto que Gastão Pereira da Silva tentou ser eleito para a ABL em 1934, quando vagou a cadeira de número 26 com a morte de Constâncio Alves (1864-1933), que era médico, mas dedicou a vida ao jornalismo. Ela foi, então, disputada pelos escritores Ribeiro Couto, Teodoro Sampaio, Carlos Góes e o psicanalista. Ribeiro Couto foi eleito, ficando Teodoro Sampaio como segundo colocado, Carlos Góes, como terceiro e, em último, sem nenhum voto, o psicanalista. Dez anos depois, em 1944 o jornal *Vamos Ler*, no qual ele era colaborador, lançou uma campanha para que fosse eleito para a cadeira 18, para o lugar vago pela morte de Antônio Joaquim Pereira da Silva (1876-1944), poeta e jornalista; porém, apesar de diversas manifestações a seu favor, com maior destaque entre jornalistas e artistas do que entre médicos e acadêmicos, ele declinou da candidatura. Cf. MARCONDES, Sérgio Ribeiro de Almeida. “Nós, os charlatães”: Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em *O Malho* (1936-1944). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.

Esse joven medico, que já nos deu uma vintena de livros, uns sobre a especialidade psychanalytica a que se consagrou, outros de ordem literaria variada, onde avultam tratados de pathologia e até romances como 'Ritmo Vermelho', que desnorteou o público e a critica pelo 'xadrez' da trama e psychologia das personagens, é, sem bajulação, uma das forças mentaes novas do paiz. Talentoso, culto, sincero na sua arrancada intelectual, Gastão Pereira da Silva tem directrizes definidas, não se detendo no atropelo dos escriptores que, pouco esclarecidos nos caminhos das letras, não sabem de prompto o que querem. A sua obra tem um duplo sentido. Duplicidade essa, porém, que atinge satisfactoriamente os seus objectivos. Do ponto de vista scientifico, Pereira da Silva é o médico que escreve com segurança dos seus amplos conhecimentos, articulando uma produção capaz de honrar um nome no seio dos cultores da psycho-pathologia. No que se refere ao demais e é, a nosso vêr, a faceta digna de maiores louvores, temol-o, ainda, o consultor dos leigos em matéria especializada, por isso que faz chegar ás necessidades do publico, em linguagem simples, regular, sem terminologias privadas, os preciosos conhecimentos que, em abundancia esparge nos seus trabalhos. (...) Ao mesmo tempo que cultivava a medicina, faz desse apostolado uma clinica generosa, revelando por meio de informações praticas, mas seguras, o complexo de certas teorias encerradas no arcahouço das especializações. (...) Obra de character social, porque de estímulo ao desenvolvimento psychologico dos seus semelhantes, o que fatalmente lhes traz melhores condições de adaptação á vida, os vinte e tantos volumes publicados por Gastão Pereira da Silva já são, sem duvida, um pedestal onde repousar a dignidade do seu esforço no terreno mental contemporâneo.⁶²

Diante dessa permeabilidade com o mundo literário, entendido de forma ampla naquele contexto como a cultura letrada, em que literatura, ensaio e tratado se entrelaçam, não causa estranheza que uma nota elogiosa ao *Conhece-te pelos sonhos*, de Albertus de Carvalho – crítico literário que manteve no semanário *Beira-Mar* (1922-1955), voltado para as notícias de Copacabana, Ipanema e Leme, bairros da elite carioca, uma coluna intitulada “Livros Novos” (ou “Livros Comentados por Albertus de Carvalho”), entre 1933 e 1937⁶³ – também fosse reproduzida na coluna assinada por Gastão Pereira da Silva.

“Livros Novos” (ou “Livros Comentados por Albertus de Carvalho”) era sempre composta por breves resenhas sobre cerca de meia dúzia de lançamentos, em uma extensão que eventualmente ocupava mais da metade da página, e ser citado nessa coluna era um atestado de visibilidade social e relevância cultural, de modo que a referência à publicação de Gastão Pereira da Silva sobre os sonhos era uma forma de reconhecimento público, pois o livro era difundido como uma obra respeitável:

O que caracteriza a excellencia das vulgarizações brasileiras na obra de Sigismund Freud com que o ilustre escritor Gastão Pereira da Silva tem brindado as letras pátrias é 'a simplicidade de linguagem aliada ao tom claro e synthetico em que o hábil comen-

⁶² *Carioca*, n. 75, Rio de Janeiro, 26 mar., *op. cit.*, p. 60 e 61.

⁶³ Albertus de Carvalho era um jornalista bem-relacionado no meio editorial e sua coluna ajudava na divulgação de muitos títulos de lançamento, além de, em uma atuação mais prosaica, ter criado na mesma publicação a coluna de fofocas de Ipanema, “Sereias e Tubarões”, que manteve entre 1929 e 1931, assinando sob o pseudônimo “O Homem Que Ri”, juntamente com João Rodolpho de Carvalho, que por sua vez identificava-se como “Aramis”. Cf. BAPTISTA, Paulo Francisco Donadio. *Rumo à praia: Théó-Filho, Beira-Mar e a vida balneária no Rio de Janeiro dos anos 1920 e 30*. Dissertação (Mestrado em História Social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2007, p. 69 e 121.

tador expõe a these do mestre para explicar num comentário, sem a preocupação de um falso eruditismo que vemos, às vezes, em trabalhos semelhantes'. Realmente, o magnífico autor de 'Para compreender Freud' é um estudioso que surpreende. Autoridade sem rival no assumpto. Gastão Pereira da Silva conseguiu com o esforço de um homem habituado na luta titânica pela vida, chamar para o seu nome a atenção do publico. A sua maneira fácil de escrever tornou comentada a sua obra já vasta e divulgada.⁶⁴

Se a rede de relações com jornalistas e literatos se mostrava de forma recorrente nos textos reproduzidos na coluna de Gastão Pereira da Silva, na *Carioca*, há um outro texto, de origem médica e acadêmica, que merece destaque. Trata-se de resenha elogiosa publicada por Inaldo de Lyra Neves Manta (1903-2000)⁶⁵ na *Imprensa Médica*, em 1 mar.1937, que foi assinada por Prof. Neves Manta e ainda incluiu a referência à Faculdade de Medicina, sobre o livro *Conhece-te pelos sonhos*:

*Vae para mais de um anno, e o nosso ilustrado colega Gastão Pereira da Silva, apocri-famente, iniciava na revista popular Carioca [caixa alta] uma secção de analyse dos sonhos, calcada no experimento freudiano. Visava a secção orientar o povo, ministrar ensinamentos á massa e afinal aclarar situações psychicas que certos sonhos ou pesadelos, aparentemente inexplicitos, criam ou promovem para a alma humana, sobre-carregando-a pesadamente. Por isso mesmo foi um acontecimento singular a secção de psychanalyse dos sonhos de Gastão Pereira da Silva, tão auspiciosamente inaugurada e ainda mantida na referida revista popular. [...] Donde se conclue que o livro 'Conhece-te pelos sonhos' é trabalho verdadeiro e certo – tão certo e verdadeiro como a experimentalidade para se entender a alma e suas inclinações sãs ou malsãs através do estudo de um sonho. Ou nos enganamos ou este livro do psychanalysta Gastão Pereira da Silva é dos melhores que se publicaram até agora no Brasil.*⁶⁶

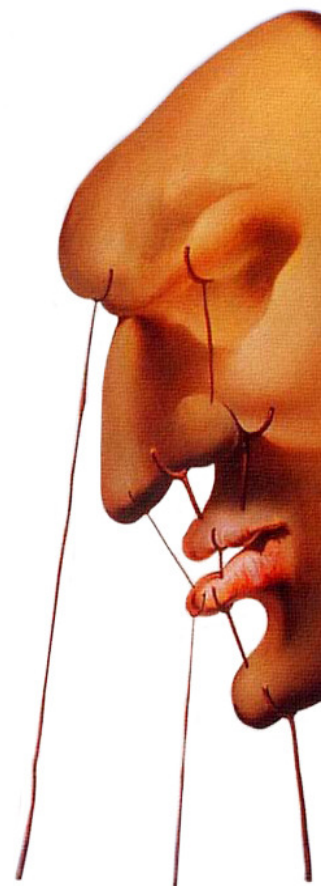
(In)Conclusões

Como já exposto, a difusão da psicanálise nas três primeiras décadas do século XX teve como destaque a ideia de um projeto de construção de na-

⁶⁴ CARVALHO, Albertus de *apud Carioca*, n. 76, Rio de Janeiro, 3 abr. 1937, p. 60. Em 1936 Menotti Del Picchia lançou um romance intitulado *Kalum*, com razoável repercussão crítica; em seu prefácio o autor faz uma pesada crítica aos literatos da época que se recusavam a fazer uma literatura claramente popular, o que era um desserviço ao país ao não “nacionalizar mais o livro” e também não fazer emergir “a narrativa, que distrai ou empolga, em ambiente nosso”, de modo que assim “o escritor encontrava uma justificativa nacionalista para dedicar-se a uma literatura comumente desprezada pelas elites cultas”. Na resenha de Albertus de Carvalho para o jornal *Beira-Mar*, a obra é bastante bem recebida, sendo enfatizada a atitude de Menotti de buscar escrever uma literatura mais acessível às massas. Cf. MOLMOSTETT, Eduarda Rodrigues. *A trilogia de aventura de Menotti Del Picchia: a década de 1930 entre utopias e distopias*. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-RS, Porto Alegre, 2021, p. 64. Talvez os elogios à abordagem psicanalítica do livro de Gastão Pereira da Silva pelo crítico refletissem uma mesma percepção da importância de se criar processos de popularização e divulgação da cultura letrada, sob diferentes formas.

⁶⁵ Inaldo de Lyra Neves Manta Foi especialista em Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, com atuação profissional no Rio de Janeiro e carreira acadêmica na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ocupando a presidência da Academia Nacional de Medicina de 1963 a 1965 e de 1967 a 1969. Entre suas obras destacamos *A arte e a neurose de João do Rio: a individualidade e a obra mental de João do Rio em face da crítica e da psiquiatria* (1960), que alcançou um número significativo de edições. Sobre a abordagem psiquiátrica proposta por ele, ver SILVA, Maria Lourdes e BASTOS, Samara Santos. *Psiquiatria e educação: o caráter pedagógico da Medicina Psiquiátrica de Inaldo de Lira Neves-Manta*. *Diálogo*, n. 24, Canoas, dez. 2013.

⁶⁶ Prof. Neves Manta *apud Carioca*, n. 73, Rio de Janeiro, 13 mar. 1937, p. 60.



ção, presente em obras de psiquiatras como Durval Marcondes (na década de 1920) e Porto-Carrero (nos anos 1920 e 1930), literatos como Mário e Oswald de Andrade (1920) e cientistas sociais como Arthur Ramos e Sérgio Buarque de Hollanda (1930-1940). No entanto, a partir de sua maior divulgação e legitimação, na década de 1950 em diante, os psiquiatras se tornaram responsáveis pelo processo de institucionalização da psicanálise no país, concentrando esforços tanto em afirmar a existência e a autonomia da profissão como em consolidar e delimitar corporativamente a prática psicanalítica e controlar um mercado profissional em termos corporativos, a partir da definição de uma maneira específica de professar cientificamente a psicanálise.

Dessa forma, houve uma homogeneização da abordagem psicanalítica, com a difusão de conceitos e práticas que na imensa maioria das vezes eram considerados como únicos, além da definição de uma formação técnica nas regras estabelecidas pela IPA.⁶⁷ É essa constituição do campo, a partir de duas matrizes, uma higienista e outra cultural, assim como a maneira como ocorre a consolidação de um campo profissional, e de um patrimônio corporativo, que colocam Gastão Pereira da Silva em um não-lugar e o tornam um “ele” que é menos “um de nós” e mais “um outro”. O autor prolixo, com produção multifacetada, dotado de formação médica e dedicado à divulgação científica, não tem as qualidades acadêmicas dos precursores e pioneiros, nem a densidade ensaística dos intelectuais do pensamento social, embora suas obras se insiram nas temáticas privilegiadas por esses mesmos agentes, a saúde e a educação.

Assim, segundo Duarte, Russo e Venâncio⁶⁸, entrelaçada com a divulgação da psicanálise eram abordados a educação infantil, a sexualidade, a criminalidade, o papel das mulheres, entre outras questões que se relacionavam com a produção, difusão e consolidação da psicologização no país. Mas o autor foi identificado como um simples vulgarizador, um divulgador que praticava a clínica psicanalítica ao mesmo tempo em que é jornalista, e se dedicava à luta vã com as palavras em um vulgar e cotidiano comércio das ideias complexas em linguagem simples, sem a mística do jargão, a ambição salvacionista ou a contemplação panorâmica.

Suas obras eram voltadas para o miúdo, em um discurso itinerante que ainda é mais estigmatizado porque muitas vezes só parece possível por ser “escravo da matéria anunciada”, muitas vezes avizinjado dos anúncios em páginas de jornal ou comerciais sonoros de produtos mi-

⁶⁷ Isso resultou em uma diferenciação da psicanálise de outras terapêuticas e promoveu, a partir do reconhecimento de “iniciados”, um modo de afirmação do profissional no mercado dotado da única matriz analítica que seria verdadeira, objetiva, científica, neutra e universal. Cf. BIRMAN, Joel. *A psiquiatria como discurso da moralidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. É possível identificar alguns personagens, nas primeiras gerações de psicanalistas, além de Gastão Pereira da Silva, que também apresentaram trajetórias de maneira marginal em relação às instituições ipeista, como Osório César e Paulo Tolentino, em São Paulo, Medeiros de Albuquerque, Murilo Campos e Karl Weissman, no Rio de Janeiro. Lima aponta como a postura crítica ao projeto de institucionalização permitiu a identificação de seus adeptos como “psicanalistas autodidatas”, “errantes” e “autoanalisados” e que, a partir da década de 1960, com a consolidação corporativa, “desconsiderar a chancela institucional passava a custar cada vez mais caro: chegar aos anos 1960 recusando-se a se analisar era colocar-se sob o juízo desconfiado de ser um ‘analista não analisado’, expondo a própria reputação profissional aos estigmas do charlatanismo, da petulância ou da selvageria”. LIMA, Rafael Alves, *op. cit.*, p. 103.

⁶⁸ Ver DUARTE, Luiz Fernando Dias, RUSSO, Jane e VENANCIO, Ana (orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005, p. 8.

raculosos para os cuidados da saúde que refletem uma curiosidade voyeurista do público. O psicanalista que escolheu também ser um divulgador e, dessa maneira, ser mais popular do que erudito, olhar mais o indivíduo do que a nação, ocupando espaços também frequentados por charlatões, despertou desconfianças e críticas, mesmo buscando manter o ethos e as “virtudes epistêmicas” dos psicanalistas, embora não compactuasse com os padrões de autorreconhecimento dos grupos no campo, ficando nas margens de uma historicização da psicanálise brasileira.

Curiosamente, sua obra volumosa e diversificada rendeu-lhe certas formas de reconhecimento no meio jornalístico e artístico, mais do que no médico e acadêmico, em que inevitavelmente era reconhecido como psicanalista e um trabalhador incansável (definido pelo escritor J. G. de Araújo Jorge como um “proletário do espírito”), original autor de uma obra “científico-literária”. E em claro contraste, mesmo esquecido, suas obras tiveram circulação muitas vezes maior do que qualquer um dos precursores e pioneiros consagrados e, ainda, por sua empatia, na busca de aproximação e de acolhimento com aqueles que sofrem no cotidiano dos dias, sua perspectiva está muito mais viva do que a de boa parte dos membros do panteão da memória institucional e corporativa. Em um momento no qual o psicanalista não é mais visto como o detentor de um saber soberano sobre o psiquismo, assim como o analisando também não é um mero objeto de cura sob seu poder, pensar na ampliação das virtudes epistêmicas se mostra necessário e inevitável.

Artigo recebido em 13 de agosto de 2025. Aprovado em 2 de novembro de 2025.